

A pesquisa sobre podcasting na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós (2015-2020)

Podcasting research from the gender perspective: a look at the works presented in Compós (2015-2020)

Investigación de podcasting desde la perspectiva de género: una mirada a los trabajos presentados en Compós (2015-2020)

Gessielia Nascimento da Silva, Roseane Arcanjo Pinheiro

Resumo

O trabalho busca identificar a existência (ou não) de artigos que envolvam o podcasting na perspectiva de gênero, tendo como referência os aceites da Compós (2015-2020). Observando os aspectos produtivos, teóricos e metodológicos, o recorte se justifica na verificação do que tem sido pesquisado sobre o tema. Para a análise, considerou-se os 17 GTs, durante outubro e novembro de 2020, por meio da pesquisa documental, técnica quantitativa e expositiva, que resultou em 1.020 artigos, mas apenas 60 (56 sobre gênero; 4 sobre podcasting) relevantes. Notou-se que, até aquele momento, não há indícios de produções que entrelacem gênero e podcasting.

Palavras-chave: Podcasting, Gênero, Estado de Arte, Compós

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 11/01/2022 aceito em: 25/07/2022.

>> Como citar este texto:

DA SILVA, Gessielia Nascimento; PINHEIRO, Roseane Arcanjo. A pesquisa sobre podcasting na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 40-68, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Gessielia Nascimento da Silva

gessielan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2446-3443>

Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz. Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA – 2020/2022). É membro do grupo de pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp/UFMA) e Rádio e Política no Maranhão (RPM). Realiza pesquisa sobre jornalismo e convergência, jornalismo transmídia, podcast, história do jornalismo, rotinas produtivas, jornalismo e poder

Roseane Arcanjo Pinheiro

roseane.ufma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8613-0687>

Docente do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) na mesma instituição.

Abstract

The work seeks to identify the existence (or not) of articles that involve the podcasting from a gender perspective, with reference to the acceptance of Compós (2015-2020). Observing the productive, theoretical and methodological aspects, the cut is justified in the verification of what has been researched on the subject. For analysis, it considered the 17 WGs, during October and November 2020, by means of documentary research, quantitative and expository technique, which resulted in 1,020 articles, but only 60 (56 genre; 4 podcasting) relevant. It was noted that so far, there is no evidence of productions that interweave genre and podcasting.

Keywords: Podcasting; Genre; State of art; Compós.

Resumen

El trabajo busca identificar la existencia (o no) de artículos que involucren el podcasting desde la perspectiva de género, con referencia a las acepciones de Compós (2015-2020). Observando los aspectos productivos, teóricos y metodológicos, el corte se justifica en la verificación de lo investigado sobre el tema. Para el análisis, se consideraron los 17 GT, durante octubre y noviembre de 2020, a través de la investigación documental, cuantitativa y la técnica expositiva, que dio lugar a 1.020 artículos, pero sólo 60 (56 de género; 4 de podcasting) relevantes. Se observó que, hasta ahora, no hay pruebas de producciones que entrelacen el género y el podcasting.

Palabras clave: Podcasting; Género; Estado del arte; Compós.

Introdução

Diariamente, a internet provoca mudanças na forma de pensar, consumir e produzir conteúdos jornalísticos, que afetam diretamente as múltiplas esferas e campos sociais. As inúmeras narrativas elaboradas nos mais diversos canais ganham, frequentemente, uma rede significativa de ouvintes e colaboradores nas variadas pautas e causas. Dentre elas, o feminismo, que na visão de Coruja (2018) é uma forma de reivindicar direitos e oportunidades nas questões de gênero.

Produzir conteúdo que abarque o feminismo e suas dimensões ocupa, cada vez mais, os espaços públicos, programas de TV, revistas, jornais e,

também, os podcasts que podem ser identificados pelo conjunto de materiais audiovisuais publicados na mídia digital com atualizações constantes, transferidos ou baixados automaticamente (MICHAELIS, 2021). Reportando às definições de Herschmann e Kischinhevsky (2009), o meio permite uma modalidade de recepção assíncrona, dando ao usuário uma liberdade na hora de consumir o conteúdo produzido.

No que tange a este formato, Luiz e Assis (2010) e Luiz (2011) destacam que o primeiro podcast brasileiro foi criado por Danilo e se chamava *Digital Minds*. Entretanto, somente no ano seguinte aconteceu a intensificação deste fenômeno – como é chamado por Couto e Martino (2018) – em terras nacionais.

Desde o seu advento, este produto tem ganhado espaço na rotina dos cidadãos. Quanto ao crescimento mundial de ouvintes, o *Spotify* informou que entre abril de 2017 e 2018, a plataforma fechou em alta de 330% nos *players* de *podcasts*. Já o *Deezer* relata que no mesmo período o aumento foi de 40% entre os brasileiros (GLOBO, 2019). Essa progressão também reflete no número de participantes da PodPesquisa que, em 2018, estiveram em 22.993, comparado à última edição de 2014, com 16.197 respostas válidas.

No *Podcast Stats Soundbites* (2019), da *Blubrry Podcasting*, o Brasil é apresentado como “flor” por estar em desenvolvimento quanto à mídia no país. O relatório destaca que em 2009, os *downloads* de *podcast* não chegaram ao décimo lugar; já em 2012, cresceram 127%; em 2018, assumiram a segunda posição, com 110 milhões *downloads*, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Dentro desta conjuntura, e tendo como referência a PodPesquisa Ouvintes (2018; 2019-2020) e a PodPesquisa Produtores (2020-2021), percebe-se que a podosfera brasileira ainda é predominantemente masculina (84% em 2018; 72% em 2019-2020; 75,7% em 2020-2021). Mesmo que os dados do relatório de ouvintes 2019-2020 mostrem aumento de 11% nos podcasts produzidos por mulheres, de 16% (2018) para 27% (2019), ainda segue em déficit de 3,7% em 2020-2021, com as referências da pesquisa de produtores.

Ainda considerando o relatório de ouvintes, no quesito interesses e preferências, os assuntos sobre ciências (52,3%), cultura pop (64,9%), política

(42,6%) e feminismo (18,6) são os mais citados. Comparado com o ano de 2018, o consumo de podcast que envolvem questões gênero cresceu 8%. Entre eles estão os programas *Mamilos*, *Imagina Juntas*, *Gaveta de Calcinha*, *Baseado em Fatos Surreais*, *Siriricas Co* e *Família Feminista*.

A relevância da pesquisa gira em torno do seguinte questionamento: quais são as pesquisas que contextualizam o podcast na perspectiva de gênero? A partir disso, as pesquisadoras elegeram os trabalhos apresentados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) nos últimos seis anos, entre 2015 e 2020.

A escolha por este congresso está ligada ao seu objetivo de promover a integração e intercâmbio entre os Programas existentes, dando margem para um levantamento diversificado com trabalhos nacionais e internacionais, e também, por ser um dos mais importantes para o campo comunicacional e referência em nível *stricto sensu*.

A justificativa para o recorte levou em consideração o fato de o congresso ter sido realizado de forma virtual no período da produção deste *paper*, tendo os aceites divulgados previamente, o que possibilitou a coleta do material, e, ainda, por proporcionar ao leitor uma abordagem atual sobre o que tem sido produzido.

Couto e Martino (2018) ponderam que ao direcionar o olhar para investigar aspectos teóricos e metodológicos de um tema ou objeto, alguns percalços serão encontrados. Porém, quando se trata da podosfera, somam-se dois fatores para uma maior complicação: fenômeno recente e ausência de agrupamento crítico.

Devido a isto, para auxiliar na compreensão do podcasting, o aporte teórico terá como base as produções de Lopez (2010), Nóbrega et al. (2015), Vicente (2018a), Herschmann e Kischinhevsky (2020; 2018; 2009), que contribuem de forma marcante para o campo. Alguns dos autores citados acima, como Kischinhevsky e Viana, aplicam o termo rádio expandido nas pesquisas científicas.

No entanto, neste trabalho, não faremos uso do mesmo, apenas das considerações sobre podcasting e suas transformações ao longo dos anos.

Sobre gênero, os delineamentos seguirão as reflexões de Coruja (2018; 2017), Escosteguy (2012; 2008) e Pinto (2003), ambas pesquisadoras brasileiras, e esta última, por sua vez, é utilizada para contextualizar o feminismo no país.

No quesito metodologia, aplicaram-se os ferramentais quantitativo e expositivo. O levantamento ocorreu entre outubro e novembro de 2020, considerando todos os Grupos de Trabalhos (GTs) da Compós, sendo 17 divisões, tendo o *corpus* total de 1.020 artigos. Destes, apenas 60 se fizeram relevantes para a discussão (56 sobre gênero e 4 relacionados ao podcast).

Os objetivos específicos consistem em identificar e categorizar os trabalhos; delinear as metodologias e teóricos de referência; e analisar o material, para averiguar a presença (ou não) de pesquisas sobre podcasting na perspectiva de gênero.

Podcasting e gênero: surgimento e bases conceituais

A etimologia da palavra *podcasting* é reflexo da junção de dois termos: *iPod* (pod), de *Personal On Demand*, referente ao reprodutor de áudio da empresa *Apple Computer* e *broadcasting* (casting), remetendo à emissão e transmissão de sons e imagens. Rojas-Torrijos, Caro-González e González-Alba (2020, p. 2) compreendem o vocábulo, eleito palavra do ano em 2005, pelo *New Oxford American*, como "arquivos de áudios encapsulados para [...] serem reproduzidos em qualquer dispositivo a qualquer momento".

Dentro desta perspectiva, Vicente (2018a, p. 88) trata o *podcasting* como uma prática de "distribuição de conteúdos digitais [...] associada às produções sonoras e que tem experimentado um significativo crescimento nos últimos anos – tanto em termos de diversidade de programação quanto de número de ouvintes".

Lopez (2010, p. 127), quando propôs uma denominação para os formatos sonoros, explicou que o *podcasting* acabou gerando uma nova lógica e apreciação do conteúdo, uma vez que ele "permite a disponibilização de áudios para serem consumidos sob demanda pelo ouvinte-internauta", implicando "em

uma iniciativa do consumidor de informação para buscá-la, baixar em seu computador ou dispositivo móvel e então consumi-la".

No mundo, o precursor do movimento em formato comercial foi Adam Curry, um ex-vídeo jockey (VJ) da MTV. Ele, com um olhar curioso e atento, percebeu um vácuo nas rádios tradicionais, e então, buscou ideias para formalização de um novo produto. Pulga (2019) relata que, em 2000, Curry já produzia seus programas de áudio, com uma duração média de 30 minutos, o que incluía abertura, notícias e músicas.

Porém, o problema enfrentado era como disponibilizar tais materiais, o que seria resolvido posteriormente, quando Dave Winer apresentou a Curry o sistema de distribuição Rich Site Summary (RSS, também conhecido como *Really Simple Syndication*), ferramenta de distribuição que proporciona um formato de *feed* simplificado e padronizado, dando ao usuário um acesso diferenciado, e na sequência adicionaria "um recurso chamado 'enclosure', subelemento responsável por descrever arquivos de diversos formatos, incluindo de vídeo e áudio" (PULGA, 2019, p. 20). Mas somente em 2004 ele seria utilizado, com publicação do primeiro podcast com tal função.

É a união dessas tecnologias – o MP3, o iPod e os softwares agregadores – que possibilitaram a criação do que hoje conhecemos como podcasting. A importância primordial do fenômeno é, essencialmente, seu caráter revolucionário e inovador diante da indústria radiofônica tradicional, pois o ouvinte pode decidir o que escutar e quando quer ouvir os programas (PULGA, 2019, p. 21).

E assim, no mundo, tivemos o primeiro podcast, que nasceu mediante a possibilidade de uma mídia já existente, transformou o momento e abriu um leque de caminhos dentro da podosfera. Já no Brasil, a relação de Danilo Medeiros desde a infância com o rádio e sua programação na década de 1980, foi o condutor para o surgimento do Digital Minds, primeiro podcast nacional, lançado em outubro de 2004, agregado ao blog homônimo, abordando conteúdos variados entre universo *geek*, música e tecnologia, porém, encerrando suas atividades dois anos depois, tendo o último episódio publicado em agosto de 2006.

Contudo, em entrevista concedida a Leo Lopes, do *Alô Técnica*, na *Comic Con Experience 2017*, que ocorreu em São Paulo, Medeiros relata um outro podcast, o *Digitalminds Podcast 2.0*. No entanto, este foi removido após três episódios publicados.

Ainda em 2004, criaram o programa do Gui Leite para testar a tecnologia que ainda estava em desenvolvimento no país, para então mostrar seu potencial midiático, juntamente com o *Perhappiness* e o *Código Livre* (ASSIS; LUIZ, 2010). Nesse mesmo ano, em 21 de outubro, instituiu-se o Dia do Podcast no Brasil, que segundo Pulga (2019) era um movimento nacional para promoção da mídia por meio das redes sociais, tendo o conhecimento do formato pela comunidade como objetivo principal.

Herschmann e Kischinhevsky (2009, p. 104) fazem uma importante observação envolvendo o podcasting nas questões de gênero: “atende aos anseios de organizações não-governamentais, movimentos sociais e ativistas de minorias étnicas, religiosas, sexuais etc., [...]”, deixando claro que não atende única e exclusivamente a este universo, mas, diferentemente de outros espaços, possui uma liberdade maior para abordagem de diversos temas.

Tal fala nos direciona para o segundo ponto deste tópico: as pesquisas e bases conceituais de gênero. Em busca de uma clarificação sobre o termo, no dicionário online Significados (2021), gênero pode ser aquilo que “diferencia os homens e as mulheres”. Mas será isto o suficiente? Guedes (1995, p. 8), inspirada na historiadora Joan Scott, traça uma lista de significações e pontua que gênero é “uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Ou seja, o gênero é vinculado às construções sociais, e não às características naturais.

Dentro do processo histórico, Coruja (2018) ressalta que os estudos sobre feminismo convergiram com o campo comunicacional por meio dos Estudos Culturais. Todavia, no fim da década de 1950 o feminismo causaria uma ruptura nos estudos culturais britânicos e, a partir disso, ensaios e pesquisas seriam produzidos para abordar as diferenças dos papéis de gênero, da representação da mulher na indústria cinematográfica, da estrutura patriarcal, entre outras.

No Brasil, segundo Escosteguy (2008; 2012), até 1990 os estudos dentro deste contexto ainda eram discretos, mas a temática vinha ganhando força, podendo ser notada no levantamento realizado pela autora das teses e dissertações brasileiras de 1992 a 2002, disponíveis no repositório do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para dar sequência a esta coleta, Coruja (2018) propôs um recorte contemplando os anos de 2010 a 2015, com intuito de ver e rever o que se tem produzido no campo da Comunicação no país.

Sobre este aspecto de importância do feminismo e gênero na comunicação e na sociedade, Pinto (2003, p. 9) destaca que não é uma tarefa simples escrever a história do feminismo brasileiro, pois “trata-se de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, ficou imune a ter uma opinião”. No entanto, é essencial para provocar os movimentos e questionar uma ordem conservadora que, conseqüentemente, causará uma libertação – seja no viver, pensar, poder e, até mesmo, escrever.

É dentro deste pensamento que o presente artigo será guiado, compreender o que se tem produzido (ou não) no campo científico sobre o podcast na perspectiva de gênero e quais são essas propostas, teóricos e guias metodológicos.

Trilha metodológica: o caminho para desenvolvimento da pesquisa

Para responder o que será explorado é necessário conhecimento sobre o tema. Com isso, algumas ferramentas metodológicas são essenciais para traçar caminhos, detectar erros e auxiliar nas discussões. Na visão de Fachin (2006, p. 29), “método, em pesquisas, seja qual for o tipo, é a escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de um estudo”.

Estes métodos instruem o pesquisador na hora de planejar, formular e interpretar os resultados. Apesar de se falar em métodos e técnicas para mensurar e compreender a coleta, uma importante observação deve ser feita,

uma vez que mesmo aplicados de forma conjunta, eles exercem funções distintas na pesquisa científica, no qual um é a estratégia – neste caso, sendo a pesquisa documental e bibliográfica – e o outro, a tática – técnica quantitativa e expositiva, criando um plano de ação:

[...] formado por um conjunto de etapas ordenadamente dispostas, destinadas a realizar e a antecipar uma atividade na busca de uma realidade; já a técnica está ligada ao modo de realizar a atividade, fazendo-a transcorrer de forma mais hábil, mais perfeita. O método está relacionado à estratégia, e a técnica, a tática (FACHIN, 2006, p. 31).

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de todo trabalho científico. Ela foi utilizada como uma das ferramentas neste artigo, ainda mais por permitir o uso de outras modalidades de análise, como a de campo, laboratorial e documental, sendo capaz de fornecer não somente dados atuais para somar com o material, mas um levantamento dos principais trabalhos acadêmicos e livros já produzidos sobre o assunto, propondo uma reflexão ao pesquisador e ao objeto investigado, mas também se torna fonte para as demais pesquisas (FACHIN, 2006; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Já a documental, por sua vez, difere-se da bibliográfica por usar fontes diversificadas que podem ser encontradas em documentos oficiais, jornais, e de todo material que não recebeu um tratamento analítico. Numa resumida definição, “a característica da pesquisa documental é que a fonte está restrita a documentos” e as coletas podem ser “feitas no momento que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 157). Nesta situação os materiais colocavam-se no site da Compós³.

O levantamento realizado ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2020, considerando os 17 grupos de trabalhos do evento, desde 2015 a 2020, resultando no *corpus* de 1.020 artigos – porém, somente 60 foram relevantes para o desenvolvimento do *paper*. Nesta fase, as pesquisadoras listaram as produções, quantificaram, selecionaram e inseriram em categorias as que foram de interesse. Foram cinco categorias: produção científica por ano

³ Anais Compós – Disponível em: https://compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em 27 nov. 2020.

(tabela 1); produção por instituição (tabela 2); mapa metodológico (figura 1); meio estudado (tabela 3) e teóricos de podcasting e gênero (tabela 4).

Esta seleção e compreensão – que compiladas com as técnicas quantitativa e expositivas na perspectiva de Bauer, Gaskell e Allum (2002) – foi essencial para o processo, já que uma lida com números e estatísticas (quanti - hard), e em contrapartida, a outra trabalha com exposições e interpretações (quali - soft). Com os resultados da catalogação, foram elaboradas tabelas a partir dos números obtidos para auxiliar na compreensão dos dois universos pesquisados: podcast e gênero.

Um panorama a partir das pesquisas sobre podcasting e gênero na Compós

Os diálogos sobre feminismo perpassam diversas esferas e tempos. No campo social, Coruja (2018, p.148) ressalta que o movimento foi questionado por volta de 1990 a 2000, porém, retomado logo após “ampliação do mercado de trabalho e sanção de leis que igualam direitos civis”. Quando contestado, vozes ecoaram, e passaram, mais uma vez, a refutar o machismo, patriarcado e tantas outras formas de diminuição do gênero.

Estas mesmas vozes chegaram às mais diversas mídias – dentre elas, o podcasting –, estimulando no meio a produção de um conteúdo produzido pelas mulheres a partir de assuntos e problemáticas que as afetam.

Escosteguy (2008) salienta que as investigações sobre o tema em níveis de mestrado e doutorado vêm ganhando espaço e força, sendo indispensável o debate e problematização no campo, o que nos leva para a primeira categoria, “produção científica por ano” (tabela 1). Ao coletar os artigos apresentados na Compós, nos últimos seis anos, pode-se compreender que desde 2015 (8) são realizadas pesquisas sobre gênero, como o trabalho apresentado no GT Estudos de Jornalismo, *A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou naturalização?* (BELISÁRIO; BIACHI, 2015). Em relação à tabela 1, o destaque vai para o ano de 2018, com 13 artigos aceitos, seguido de 2020 (11) e 2019 (10).

Já no que tange aos temas sobre podcasting, os dois primeiros artigos foram em 2018, sendo *Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo* (VICENTE, 2018b) e *Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In the Dark* (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018), apresentados nos GTs Cultura das Mídias e Estudos de Jornalismo. No entanto, conforme observado (tabela 1), no recorte em questão não foi possível identificar produções que compreendessem o podcasting na perspectiva de gênero – eis um ponto de reflexão.

Tabela 1. Produção científica por ano - Compós (2015-2020)

Ano	Gênero	Podcast	Podcast na Perspectiva de Gênero
	Quantidade		
2015	8	0	0
2016	7	0	0
2017	7	0	0
2018	13	2	0
2019	10	1	0
2020	13	1	0
Total	56	4	0
Total geral			60

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Ainda neste mesmo levantamento, ao analisar as produções por GTs, nota-se que os grupos de trabalhos sobre Comunicação e Cidadania e Comunicação e Sociabilidades foram os que mais receberam artigos sobre gênero, sendo oito em cada. De forma mais delineada, compreendemos uma relação entre eles: um se propõe a integrar os aspectos teóricos e metodológicos das experiências e processos midiático-comunicacionais nos vieses culturais e dos movimentos, sejam eles sociais, comunitários, populares ou sindicais, como no artigo *Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da*

comunicação na Marcha Mundial das Mulheres (MIKLOS; CUNHA, 2015) ou *A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921-2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo* (SARMENTO, 2018); já o outro, por sua vez, analisa os fenômenos comunicativos e sua relação com o social, identificando os discursos, modelos, acontecimentos e as transformações ocorridas por meio da inferência entre o campo comunicacional e o social.

Além disto, busca uma visibilidade e reconhecimento no âmbito dos novos movimentos, que incluem, as lutas de gênero, caso do artigo *Mulheres neurodivergentes: conexões que enunciam vulnerabilidades e a luta por reconhecimento* (RIES; LIMA, 2020, p. 1), em que os autores propõem observar as "interações comunicacionais em torno do movimento da neurodiversidade, sob a perspectiva de mulheres autistas e ativistas que enunciam suas lutas nas redes sociais digitais".

Já as pesquisas sobre podcasting foram distribuídas entre os GTs Comunicação e Cibercultura (1), Estudos de Jornalismo (1) e Cultura das Mídias (2), este último busca debater sobre questões que relacionam os produtos e processos comunicacionais dentro da cultura midiática juntamente às reflexões sobre a produção, circulação e recepção nas mais variadas mídias.

Vale ainda ressaltar que para este grupo de trabalho, as duas pesquisas aceitas foram de Vicente (2018b), sendo uma solo, e uma outra com a coautoria de Soares (2020, p.1) intitulada *Rádio ambulante e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano*, que "apresenta uma discussão sobre podcasts narrativos a partir da análise de Rádio Ambulante [...]", na qual os autores refletem sobre essa importância para os cursos de jornalismo, seu meio de criação, aproximação e difusão do material no universo.

As Instituições de Ensino Superior e as pesquisas sobre podcasting e gênero

Ao atentar para as produções por instituição, percebemos que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é a que mais apresenta inserções sobre estudos de gênero, seguido das Universidades Federais de Minas Gerais

e Paraná – o que ambas possuem em comum está relacionado às linhas de pesquisa dos PPGs, que, de modo geral, debruçam-se sobre os estudos de comunicação, processos e práticas socioculturais. No que tange às investigações sobre podcasting, os trabalhos concentram-se na região Sudeste do país, compreendendo a Universidade de São Paulo e as Federais de Ouro Preto e Juiz de Fora.

Tabela 2. Produção por instituição - Compós (2015-2020)

Instituição com pesquisa sobre gênero	Quantidade
UFRJ	7
UFMG e UFPR	6
Unisinos	5
UnB	4
UFSM	4
ESPM, UFBA, UFPE, UNIP, USP E UTP	2
FCL, PUCRJ, PCSP, UFG, UFJF, UFOP, UFRN, UFSC, UFV, UNESP e Unicamp	1
Instituição com pesquisa sobre podcasting	Quantidade
USP	2
UFOP e UFJF	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Se já identificamos as produções por ano, grupos de trabalhos e instituições, então, de modo geral, quem produz tais materiais e qual o grau acadêmico? De acordo com o gênero dos pesquisadores, distinguimos que a maioria dos artigos são elaborados por mulheres (42) e elas também lideram no quesito formação (1 pós-doutora; 2 pós-doutorandas; 32 doutoras; 4 doutorandas; 1 mestre; 2 mestrandas).

Em comparativo, os homens possuem apenas 18 trabalhos de autoria. No nível de formação, contam com 1 pós-doutor; 11 doutorados; 4 doutorandos; 1

mestre e 1 mestrando. Mediante o recorte da Compós, isto mostra que o universo acadêmico é relativamente feminino, ou seja, mais mulheres ingressam no nível superior e ocupam as cadeiras de mestrado e doutorado.

Durante a coleta, os dados revelam que, dos autores identificados, alguns deles fizeram mais de uma publicação dentro do *corpus* selecionado (VICENTE, 2018b; VICENTE; SOARES, 2020; CARRERA; CARVALHO, 2019; CARRERA, 2020; RIBEIRO; JOHN, 2017; RIBEIRO, 2020; ROCHA, 2016; ROCHA *et al.*, 2018; RONSINI, 2015; RONSINI *et al.*, 2016, RIZZOTTO; PRUDÊNCIO; SILVA, 2015; RIZZOTTO; SARAIVA; NASCIMENTO, 2019). Isto acaba por reforçar a importância do congresso para os pesquisadores, que por sua vez, contribuem para o campo da comunicação, principalmente em nível *stricto sensu*.

Perspectiva sobre objeto e metodologia

Para início de toda e qualquer análise é necessário estabelecer quais procedimentos metodológicos serão seguidos. Martino (2018, p. 75) pondera que o método é a receita da pesquisa, uma vez que “é a parte do projeto de pesquisa que descreve os procedimentos necessários para estudar o objeto e responder as perguntas feitas no objetivo”.

A partir do levantamento estruturado por meio da técnica quantitativa e expositiva do ferramental encontrado nos 60 trabalhos alocados nos GTs da Compós, notou-se que, nos estudos de gênero, traçar caminhos teóricos (12) foi o norte para os artigos, seguidos de estudo de caso (7) e análise de conteúdo, quanti/quali e teórico-metodológico (5). No mapa metodológico (figura 1), é possível identificar o ferramental mais utilizado no *corpus* selecionado.



Figura 01 – Mapa metodológico - Compós (2015 - 2020)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Couto e Martino (2018, p.54) ponderam que os ferramentais aplicados aos podcasts “parecem seguir esse tensionamento entre métodos tradicionais, como a pesquisa de campo e a análise de conteúdo, levando em consideração as diferenças nos processos de produção, recepção e participação”.

Tal pontuação é feita mediante o levantamento realizado pelos autores sobre as teses e dissertações na área de Comunicação que abordam a temática em questão, mas, nesta situação – dos artigos - é um pouco diferente. Mesmo tendo a pesquisa de campo como uma das ferramentas “tradicionais” encontradas no levantamento, as outras seguem a linha de pesquisa teórica, que trata de uma compreensão acerca do surgimento, história, tradições do podcast e de algumas “características que a prática adquiriu naquele momento (do surgimento), para compreender melhor as mudanças ocorridas e que, acreditamos, foram fundamentais para sua maior popularização” (VICENTE, 2018b, p.3).

O estudo descritivo foi usado para compreender o objeto. Lopez, Viana e Avelar (2018, p.3) usaram as referências de Triviños e Cresswell “por permitir a caracterização e detalhamento criterioso de um fenômeno”, para assim

construir uma “pesquisa através de múltiplas fontes, ampliando a dimensão da amostra”, e “efetivamente caracterizar o fenômeno estudado”.

Por último, na perspectiva do rádio expandido – termo este desenvolvido por Kischinhevsky –, a análise de redes sociais, sendo uma proposta de executar métodos digitais de pesquisa, em que a intenção é observar os espaços online, de certa forma, pode ser influenciado pelas construções estabelecidas no rádio massivo entre emissora e ouvintes, observando “seus atores e as relações criadas nesse ambiente” (VIANA; HOMSSI, 2019, p. 3).

Então, até aqui, podemos entender que mesmo sendo aplicados métodos considerados tradicionais, os pesquisadores já tangenciam ferramentais que investigam como o objeto se relaciona com as mídias digitais e sua atuação. É fato que esta temática é nova na Compós, mesmo que o podcast enquanto formato tenha surgido em 2004. Porém, somente de 2018 para os tempos atuais que o assunto surgiu no evento selecionado, deixando claro que em outros congressos, como a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), por exemplo, já era tema recorrente, mas isto seria um recorte para um outro artigo e momento.

Os artigos que discutem gênero e feminismo optaram, em sua maioria, por realizar estudos teóricos (figura 1), pois, para alguns pesquisadores, este tipo de abordagem permite uma articulação mais afinada e reflexiva sobre o tema. Na produção de Ronsini (2015, p. 1) ela destaca que, teoricamente, o seu texto propõe uma “noção de classe social para o entendimento da construção de uma feminilidade heteronormativa nos estudos dos usos sociais das telenovelas”, mediante as inspirações dos Estudos Culturais de Pierre Bourdieu, e da Teoria Feminista, com ensaios de Escosteguy, que “argumenta sobre a centralidade da hexis corporal para a conformação de uma feminilidade de classe baseada na incorporação de um capital cultural midiático por mulheres de classe popular”.

Ainda seguindo a metodologia aplicada em gênero, os estudos de caso (7) ocupam o segundo lugar. Este tipo de caminho metodológico é compreendido por Gil (2002), Cervo e Bervian (2002) como a investigação

profunda – e muitas vezes exaustiva – sobre determinado grupo (familiar, comunitário, social, entre outros) ou indivíduo, que representa o universo/tema a ser analisado e suas vertentes.

Minas de Luta: cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo, produzido por Castilho e Romancini (2017, p.2) discorre sobre o “engajamento e militância feminina juvenil, a partir do estudo do movimento das ocupações das escolas públicas ocorrido no Estado de São Paulo, em 2015”, onde o caso possui uma “característica interessante em termos de análise: o protagonismo das adolescentes, desde cedo percebido pela imprensa ao cobrir o movimento observado em análises sobre o caso e nos discursos das próprias participantes”.

Já as quanti/quali, análises de conteúdo e propostas teórico-metodológicas (5), seguem em terceiro lugar, com cinco artigos cada, como no texto *O processo de formação em publicidade e as mulheres na criação publicitária: uma proposta teórico-metodológica* (HANSEN; WEIZENMANN, 2016), cujo objetivo de apresentar, como já bem menciona o título, uma ideia teórico-metodológica para analisar o discurso dos estudantes de publicidade, assim, dando perceptibilidade às experiências e ligá-las aos lugares do masculino e feminino na criação.

A coleta mostra que mesmo o campo produzindo pesquisas que olhem para os aspectos da prática profissional ou estudando casos específicos, ainda há uma necessidade em compreender teoricamente o que acontece nesses meios.

O meio escolhido para estudo

Ainda com referência aos dados gerais do levantamento, contabilizou-se que as redes/mídias sociais (13) prevalecem como espaço mais estudado, o que inclui o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*. Ter a compreensão de como a mulher é representada no audiovisual (9) também foi um dos meios escolhidos para análise.

Deste modo, as séries *Orange Is the New Black*, *Queen of the South*, *Game of Thrones*, ou microsséries, como *Amorteamo*, surgem nos trabalhos aceitos com a proposta de refletir sobre a mulher latina, cidadania feminina, recepção e estudo de sentido sobre o campo.

Tabela 1. Meio estudado - Compós (2015-2020)

Meio	Quantidade
Audiovisual	9
Campo midiático	4
Campo profissional	3
Campo teórico/metodológico	4
Estudos culturais	2
Games	1
Internet	5
Jornal	5
Mídia sonora	4
Portais	1
Redes/mídias sociais	13
Sites	4
TV	5
Total geral	60

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 3, a categoria TV poderia estar inclusa em audiovisual, porém, a pesquisadora notou uma quantidade expressiva de produções que envolvessem telenovelas (5), e por isto, a intenção de deixar um separado do outro. Caminhas (2018, p. 5), norteada pelos estudos de Esther Hamburger, reflete sobre a tendência de “telenovelas se aproximarem dos problemas

cotidianos vivenciados no país [que] pode ser percebida a partir dos anos de 1970, momento no qual tais produções ficcionais tornaram-se espaços legítimos de interpretação da realidade brasileira”.

Então, esta unidade observa as questões da feminilidade de classes, o social, ressignificação do feminino e masculino, qual o sentido relatado pelas telenovelas quando se trata da trajetória de mulheres dominantes e da violência de gênero (RONSINI, 2015; RONSINI et al., 2016; MONTORO; SENTA, 2015; SIFUENTES, 2015; CAMINHAS, 2018).

Sobre os podcasts, os quatro trabalhos estão enquadrados em mídia sonora, que por sua vez, contextualizam sobre a transição do rádio ao podcast e a audiência no meio, mas, como já citado, não trabalham o gênero nas produções. Estes – em discreta quantidade – mostram, também, que os artigos recorrem ao tecnológico, à popularização dos *smartphones* e à internet, para contextualizar os *downloads* realizados e às buscas/acessos aos podcasts (VICENTE, 2018b).

O outro caminho atém-se a um programa/episódio específico para discorrer e compreender o fenômeno, exemplo de *In the Dark* (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018) e *National Public Radio* (NPR) (VICENTE; SOARES, 2020). Assim, é importante destacar que comparado com os estudos de gênero, as produções na Compós sobre a podosfera ainda são discretas e em menor quantidade, mostrando uma lacuna, e ao mesmo tempo, um universo explorável.

Os teóricos de referências no *corpus* selecionado

Talvez esta seja uma das perguntas mais frequentes quando produzimos algo: como referenciar? Martino (2018) diz que tudo começa com leituras e mais leituras e, depois disto, formam-se caminhos que serão chamados de referencial teórico – um conjunto de conceitos aplicados e inferidos entre si para analisar o objeto escolhido. No podcast, o autor referência é o hoje docente dos cursos de Jornalismo e Rádio/TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e, até 2020, professor do

PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Marcelo Kischinhevsky.

Durante sua trajetória acadêmica, o professor tem se debruçado sobre os estudos do rádio (que vai além das ondas hertzianas) dentro da perspectiva das mídias digitais, aplicando o termo rádio expandido para referir-se ao formato que chegou ao *smartphones*, redes e sites. Um exemplo desta expansão é o podcasting. Em meio às produções de artigos, capítulos de livros e organização de coletâneas, algumas obras são essenciais, sendo uma de 2007, intitulada *O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão*; oito anos após seu primeiro livro, Kischinhevsky lança o *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação* (2016), e este ganhou uma versão em espanhol, *Radio y medios sociales: mediaciones e interacciones radiofónicas digitales*, lançado em 2017.

Outros autores que falam sobre jornalismo radiofônico, a exemplo de Michael P. McCauley, e da perspectiva do podcasting e diferenciação (ou não) com o rádio, também surgem no mapeamento – caso do professor sênior de rádio e podcasting na Universidade de Sunderland, na Inglaterra, Richard Berry. Em entrevista concedida a Kischinhevsky (2020, p. 201) e publicada na **Radiofonias**, ele explica que “chamar podcasts de rádio é reduutivo e encerra as discussões sobre o que estamos realmente ouvindo”.

Para ele, o rádio acaba sendo dispersivo. No entanto, as pessoas se concentram nos podcasts, especialmente nos imersivos. Então, o pesquisador sustenta que são produtos/modalidades distintas, “podcasting é muito mais ativo. Os ouvintes fazem muitas escolhas, desde assinar ou seguir um programa, até selecionar quando (e onde) ouvi-lo”. E complementa ao dizer que o podcast não é apenas uma tomada de decisão, mas uma escolha devido a sua natureza ou nicho de conteúdo.

Berry é um dos pesquisadores de renome mundial quando se trata de rádio e podcasting. Para ele, o podcasting “é um novo meio, ainda que guarde vários pontos de convergência com o rádio”, tendo sua maior distinção no ouvir e na linguagem dos programas. Já aqui no Brasil, o modelo trilhado é de uma visão mais inclusiva da natureza radiofônica e da podosfera (KISCHINHEVSKY,

2020, p. 200).

Diferentemente das teorias de gênero, das quais surgem pesquisadoras nacionais, o campo de estudos de podcasting ainda se atém a autores estrangeiros. Porém, uma ressalva deve ser feita – mesmo que na coleta não tenham surgido teóricas brasileiras dedicadas especificamente ao podcasting, é importante enaltecer as pesquisadoras Debora Cristina Lopez, docente na Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), e a doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF) Luana Viana por tecerem estudos sobre o tema. Ambas, por sinal, são de instituições da região Sudeste, que surgiu no levantamento como centro das produções contemplativas do assunto.

Tabela 4. Autores citados sobre gênero e podcasting – Compós (2015-2020)

Gênero	Quantidade
ALEKSIEVICH, Svetlana; ALMEIDA, Alvanita; ÁVILA BRAVO-VILLASANTE, María; BANDEIRA, Lourdes; BONETTI, Alinne; CARVALHO, Débora Jucely; COSTA, Albertina de Oliveira; CREED, Barbara; DAMASCENO, Janaína; DIAZ, Isabel González; DOUGLAS, Emily; FACCHINI, Regina; FRAGOSO, Suely; FRIEDAN, Betty; GILSON, Erinn; GREGORI, Maria Filomena; GREGÓRIO GIL, Carmen; HIRATA, Helena; JORGE, Ana; MELLO, Anahi Guedes; MORENO, Rachel; PINTO, Celi; PISCITELLI, Adriana; ROCHA, Fernanda de Brito Mota; ROCHA, Patricia; ROSSI, Giovana; SARTI, Cynthia; SCOTT, Joan; SILVA, Marcia Veiga da; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima; VIANA, Elizabeth do Espírito Santo; WOITOWICZ, Karina Janz	1
BIROLI, Flávia; CARNEIRO, Sueli; CRENSHAW, Kimberle; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MCROBBIE, Angela; RAGO, Margareth; SAFFIOTI, Heleieth	2
BUTLER, Judith	8
Podcasting	Quantidade
BERRY, Richard; MCCAULEY, Michael	1
KISCHINHEVSKY, Marcelo	2

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

É importante ressaltar que os diálogos teóricos entre objeto e tema serão responsáveis por nortear o pesquisador e mostrar uma perspectiva sobre determinada escolha. Com isso, tendo base na tabela 4, podemos entender que na perspectiva de gênero, Judith Butler é a mais citada no *corpus* de 56 trabalhos. Butler é uma das principais filósofas e teóricas contemporâneas que aborda o feminismo e uma das pioneiras sobre a teoria *queer*.

Dentre suas produções emblemáticas estão os livros *Gender Trouble* (original) ou *Problemas de Gênero*, lançado em 1990 – no qual discorre sobre identidade e orientações sexuais, dividindo-se em três momentos: os discursos e normas impostas sobre a sexualidade; experiências das minorias e desconstrução; e aprofundamento entre sexo biológico e gênero.

Ainda em *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*, de 1993, apenas em 2019 lançado no Brasil pela editora n-1 edições, a pesquisadora aprofunda as reflexões sobre a performatividade de gênero e que tal atuação está interligada às estruturas de repetição das normas que todos são sujeitos dia após dia.

Depois de Butler, outras autoras também foram listadas. Estas, por sua vez, contaram com duas entradas nas pesquisas, sendo Kimberlé Crenshaw (gênero e raça), Angela McRobbie (cultura popular, práticas contemporâneas da mídia e feminismo), e as de instituições brasileiras, sendo Flávia Biroli (Universidade de Brasília – gênero, democracia e mídia), Sueli Carneiro (Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – feminismo negro no Brasil), Ana Carolina Escosteguy (Universidade Federal de Santa Maria – identidades culturais e construção de gênero), Margareth Rago (Universidade Estadual de Campinas – estudos de gênero), Heleieth Saffioti (Universidade Estadual Paulista – violência de gênero), dentre outras.

Este levantamento, em linhas gerais, mostra que as pesquisas sobre gênero e feminismo têm alcançado e abordado diversos eixos e esferas, indo de uma produção assinalada por Coruja (2018, p.156) como “espécie de denúncia, de apontar como os meios de comunicação representam a mulher e apresentam

os papéis relativos a gênero”, para um momento em que especialmente “os sites de redes sociais tem para o movimento feminista, principalmente no que diz respeito ao combate à violência contra mulheres”.

Uma breve consideração

Nas páginas iniciais deste artigo foi apresentada sua proposta central: identificar as produções que envolvem o podcast na perspectiva de gênero, tendo como fonte, os trabalhos aceitos nos últimos seis anos da Compós. Mediante o percurso, alguns objetivos específicos foram traçados, e tinham o intuito de coletar, categorizar, delinear as metodologias e teóricos de referência e, por fim, analisar o *corpus* de 60 *papers*, dos 1.020 catalogados nos meses de outubro e novembro de 2020 – um processo árduo e volumoso, tendo em vista que não era apenas uma listagem, mas, a leitura do título, resumo, palavras-chave e até mesmo do corpo textual.

A partir da sistematização dos dados, pode-se constatar que os trabalhos que entrelaçam podcasting e gênero ainda são inexistentes no congresso, sendo este um ponto de reflexão – ainda mais que o formato chegou ao Brasil em 2004, e os artigos encontrados na Compós são de 2018, com um relatando as práticas e consumo (VICENTE, 2018b) e o outro, a imersividade narrativa (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018).

Percebemos, aqui, um hiato entre o advento do podcasting e as produções acadêmicas. Ultrapassando o recorte temporal de 2015 a 2020, foi encontrado apenas um *paper*, escrito em 2007 por Micael Herschmann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Marcelo Kischinhevsky, então professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulado *A geração podcasting e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento*, alocado no grupo de trabalho Mídia e Entretenimento. No geral, dos quatro materiais mapeados, eles mostraram que o centro da produção sobre a temática é na região Sudeste, e o autor mais utilizado é Kischinhevsky.

Como já bem mencionado, apenas 60 pesquisas se fizeram relevantes

para o contexto desta análise e, já que quatro estão relacionados ao podcasting, as 56 restantes abordam os estudos de gênero e feminismo. O número é expressivo e mostra um vasto histórico no congresso – para o ano inicial da coleta, foram contabilizadas oito produções.

No campo científico, principalmente em nível *stricto sensu*, este tipo de conteúdo tem ganhado espaço e força, como bem salienta Escosteguy (2008) proporcionando assim, um debate e problematização que vai além dos muros universitários. E, para refletir sobre o assunto, Judith Butler é umas das teóricas e filósofas mais citadas na categorização, mas, as pesquisadoras de intuições brasileiras também ganham espaço. Dentre elas, temos Flávia Biroli, Sueli Carneiro, Ana Carolina Escosteguy, Margareth Rago e Heleieth Saffioti – o Brasil e suas vozes que pesquisam sobre gênero, violência, feminismo negro, poder, democracia e tantas outras vertentes.

Para finalizar, podemos considerar a tamanha relevância do congresso para os pesquisadores nacionais, que por sua vez, contribuem de forma inestimável para o campo da Comunicação, sendo referência para inúmeros outros trabalhos. No entanto, também é importante destacar que o intuito deste trabalho não é discorrer uma crítica aos aceites da Compós, mas propor uma reflexão, pois, comparado com os estudos de gênero, as produções sobre podcasting no evento ainda são discretas e com números relativamente baixos. Isto nos mostra uma lacuna, mas, ao mesmo tempo, um campo fértil e explorável sobre a temática, ainda mais na visão de podcasting na perspectiva de gênero.

Referências

A ERA de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BELISÁRIO, Kátia Maria; BIACHI, Mariangela Moifardini. A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou naturalização? *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocomp%C3%93s2015_2851.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Violência de gênero ou punição necessária? as narrativas de telenovelas sobre agressões contra mulheres. *In: XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_H7TYPJ2SX2Z880KTTTPNA_27_6205_29_01_2018_15_33_28.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

CARRERA, Fernanda. CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. *In: XXVIII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_PV7RU5XQ0B8R1YVX2D6Z_28_7610_22_02_2019_06_23_22.pdf> Acesso em 17 nov. 2020.

CARRERA, Fernanda. A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_UPUHAMMMTYQ2QYJ01PF_0_30_8368_19_02_2020_18_39_19.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

CASTILHO, Fernanda. ROMANCINI, Richard. Minas de Luta: cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo. *In: XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP, jun. 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_TOHPEE9JM7GX9_ZQ6BKOR_26_5315_12_02_2017_12_55_55.pdf. Acesso em 27 nov. 2020.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORUJA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s)**: discussões do público com a youtuber Jout Jout. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Ártemis**, Paraíba, v. 25, n. 1; jan-jun. 2018. p. 148-162.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Pensando as relações entre mídia e gênero através de histórias pessoais: o caso brasileiro. **Derecho a Comunicar**, Cidade do México, n. 4, p.

174-186, jan./abr. 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GÊNERO. *In*: Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/genero/>. Acesso em: 14 set. 2021.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98931995000100002>.

HANSEN, Fábio. WEIZENMANN, Cátia Schuh. O processo de formação em publicidade e as mulheres na criação publicitária: uma proposta teórico-metodológica. *In*: **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/arquivocomindica%C3%A7%C3%A3odeautoria_3336.pdf. Acesso em 27 nov. 2020.

HERSCHMANN, Micael. KISCHINHEVSKY, Marcelo. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 37, p. 101-106, 27 jan. 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Richard Berry: "O Rádio está aprendendo muito com o podcasting". Entrevista: Richard Berry. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 200-204, jan./abr. 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. "Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo". En **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 74-81, 15 jun. 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina; VIANA, Luana; AVELAR, Kamilla. Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In the Dark. *In*: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_VQCYDJI5Z67BL7QMAUI3_27_6772_26_02_2018_12_49_26.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

MAIA, Kênia; PEREIRA, Fábio. Jornalismo e Convergência. **Brazilian Journalism Research**. v. 8, n. 1, p. 3-6, jun/2012.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres. *In*: **XXIV Encontro Anual da Compós**, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/acompos-2015-172c9e3c-cf92-42c4-b774-7cf7a5da4ba2_2757.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

MONTORO, Tânia Siqueira; SENTA, Clarissa Raquel Motter Dala. Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web. *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-fabac154-53f8-4f01-ae63-9f987a07e2c5_2865.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

NÓBREGA, Zulmira et al. Podcast “Mamilos”: uma nova forma de fazer jornalismo? *In: Simpósio Internacional sobre Jornalismo em Ambientes Multiplataforma*, 2, 2015, João Pessoa. **Jornalismo em Ambientes Multiplataforma**. João Pessoa – Coleção Âncora Jornalismo, 2015. p. 296-319.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PODCASTING. *In: Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PODCAST/>. Acesso em: 14 set. 2020.

PODCAST Stats Soundbites. **BLUBRRY PODCASTING**, 2019. Disponível em: <https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

PODPESQUISA Ouvintes 2018. **ABPOD**, 2018. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 14 set. 2020.

PODPESQUISA Ouvintes 2019-2020. **ABPOD**, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 12 set. 2020.

PODPESQUISA Produtores 2020-2021. **ABPOD**, 2020. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

RIBEIRO, Regiane. JOHN, Valquíria Michela. Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de Orange is the New Black. *In: XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP, jun. 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_M94ZH7HADM8TI_GGHJGU7_26_5687_21_02_2017_14_02_34.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RIBEIRO, Regiane. Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais Netflix. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_XX5HV13A0PSJD8U996LH_30_8585_25_02_2020_21_45_06.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

RIES, Igor Lucas; LIMA, Bany Narondy Cabral. Mulheres neurodivergentes: conexões que enunciam vulnerabilidades e a luta por reconhecimento. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_A82KO9BC2X00U1YBWJPR_

[30_8681_26_02_2020_16_53_03.pdf](#). Acesso em 17 nov. 2020.

RIZZOTTO, Carla Candida; PRUDÊNCIO, Kelly; SILVA, Michele Santos da. Muita cena e pouca comunicação política? A Marcha das Vadias nos portais de notícias e a questão do reconhecimento. *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-5d3a9803-a2e8-4721-adac-8168b7435a6f_2783.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RIZZOTTO, Carla Candida; SARAIVA, Aléxia; NASCIMENTO, Louize. #ELENÃO: conversação política em rede e trama discursiva do movimento contra Bolsonaro no Twitter. *In: XXVIII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_DTSRR9FX2SJOGQI9BFV5_2_8_7209_24_01_2019_08_01_36.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

ROCHA, Rose de Melo. Imaginários do excesso e sedução do artifício: hiper-mulheres e seus paraísos infernais. *In: XXV Encontro Anual da Compós*, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/rocha_imaginariosdoexcessoeseducaodoartificio_3406.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

ROCHA, Rose de Melo *et al.* Comunicação e estudos de gênero: imagens diaspóricas, imaginários insurgentes. *In: XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_VWT9ARUV352MJUPIJ17K_27_6563_23_02_2018_16_37_30.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RONSINI, Veneza Mayora. Telenovelas e a questão da feminilidade de classe. *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/veneza_completo_2802.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RONSINI, Veneza Mayora *et al.* Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres da classe dominante. *In: XXV Encontro Anual da Compós*, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/templatexxvcompos_3435.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

SARMENTO, Rayza. A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921-2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo. *In: XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_L2B9CJCBDBG5G5NGJ29EY_27_6604_23_02_2018_18_30_00.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

SIFUENTES, Lirian. Classe social e o consumo de telenovela por mulheres: um estudo comparativo. *In: XXV Encontro Anual da Compós*, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos_classe_consumo_lirian_2908.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

VIANA, Luana; HOMSSI, Aline Monteiro. Audiência radiofônica e a interação mediada online: a hashtag #ItatiaiaNaCopa como uma estratégia falha. *In: XXVIII Encontro Anual*

da **Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_4PF4IVWAAH201RI4S0VI_28_7432_17_02_2019_12_04_53.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: **Emergências periféricas em práticas midiáticas** [S.l.: s.n.], 2018a. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002906541>. Acesso em 29 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018b. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777_ZKAFXV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana de Lima. Rádio ambulante e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano. In: **XXIX Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_UD9UZSBXWMETQGKHY716_30_8550_25_02_2020_11_29_16.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.